
Avaliação da efetividade de uma capacitação docente em consciência fonológica

Jasmine Pereira Poffal¹, Sheila Petry Rockenbach²

¹Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Luterana do Brasil,

²Professora-Orientadora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Luterana do Brasil

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o que os docentes que atuam no processo de alfabetização sabem sobre consciência fonológica, bem como verificar a eficácia da Capacitação Docente em Consciência Fonológica na ampliação desses conhecimentos. Este estudo se caracteriza por ser de campo, do tipo ensaio prospectivo e de cunho quantitativo analítico e contou com a participação de 19 educadores que atuam no programa Conectando Saberes da Secretaria de Educação da cidade de Esteio/RS. Os resultados obtidos neste estudo sugerem pouca ampliação do conhecimento geral dos professores sobre consciência fonológica após a Capacitação Docente em Consciência Fonológica. Mesmo após a formação, os educadores apresentaram dificuldades para responder perguntas específicas sobre o tema, principalmente quando relacionadas à prática em sala de aula. São necessárias intervenções de carga horária maior para que se possa obter modificações significativas no conhecimento e prática pedagógica dos alfabetizadores.

Palavras-chave: fonoaudiologia, consciência fonológica, docentes, promoção da saúde

Abstract

This research aimed to identify what teachers who work in the literacy process know about phonological awareness, as well as to verify the effectiveness of the Teacher Training in Phonological Awareness in expanding this knowledge. This is a field, prospective, quantitative, and analytical study with the participation of 19 educators who work in the Conectando Saberes program of the Secretariat of Education of the city of Esteio/RS. The results obtained in this study suggest that the teachers' general knowledge of phonological awareness did not increase much after the Teacher Training in Phonological Awareness. Even after the training, the educators had difficulties in answering specific questions on the theme, especially when related to classroom practice. Larger interventions are needed to achieve significant changes in the literacy teachers' knowledge and pedagogical practice.

Keywords: speech therapy, phonological awareness, teachers, health promotion

Introdução

Consciência fonológica é a habilidade metalinguística que permite ao ser humano refletir, segmentar, discriminar e manipular mentalmente os sons da fala. Tal habilidade se desenvolve gradualmente na criança ouvinte através da sua imersão no mundo linguístico e é aperfeiçoada a partir do contato com a linguagem escrita. O sujeito compreende que a linguagem oral pode ser segmentada em unidades distintas (a frase, em palavras; as palavras, em sílabas; as sílabas, em fonemas) e que essas unidades se encontram

repetidas em diferentes palavras faladas (PESTUN, 2005; KONRAD e LORANDI, 2019).

A manipulação desses segmentos sonoros pode ocorrer a nível silábico, intrassilábico e fonêmico, sendo o último decisivo para a relação fonema-grafema (SCHERER, 2020). Além disso, alguns autores ainda consideram a consciência de palavra, que antecederia o nível silábico (LOPES e SILVA, 2020). O processo de desenvolvimento dessas habilidades tende a seguir a seguinte sequência evolutiva: consciência de palavra, consciência de rima e aliteração, consciência silábica, consciência

intrassilábica e, por fim, consciência fonêmica (FREITAS, CARDOSO e SIQUARA, 2012).

A alfabetização ou processo de alfabetização podem ser definidos como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético. Tal aprendizagem não ocorre de modo espontâneo. O princípio alfabético, que consiste no entendimento da relação existente entre fonemas e grafemas, deve ser ensinado de forma explícita e sistemática ao alfabetizando (BRASIL, 2019).

Considera-se a consciência fonológica uma habilidade preditora para alfabetização, afinal, o princípio básico da escrita alfabética é o uso de grafemas para representar fonemas, ou seja, sinais gráficos (letras) são utilizados para representar os sons da fala (fonemas). Porém, para ser capaz de estabelecer a correspondência entre fonemas e grafemas, a criança precisa passar por uma sequência de desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica até chegar ao nível da consciência fonêmica (CAPOVILLA, GÜTSCHOW e CAPOVILLA, 2004). Assim, é essencial que a capacidade para analisar a fala em seus segmentos sonoros seja estimulada e desenvolvida nas práticas de alfabetização (JUSTINO e BARRERA, 2012; ZORZI, 2018).

Acredita-se que há uma influência mútua entre a consciência fonológica e o aprendizado da leitura e da escrita. Segundo essa hipótese “interativa”, a consciência fonológica irá favorecer a aprendizagem da linguagem escrita da mesma forma que a instrução formal em um sistema de escrita alfabético promoverá e favorecerá o desenvolvimento e refinamento das habilidades de consciência fonológica, especialmente a nível de fonema (PESTUN, 2005; JUSTINO e BARRERA, 2012; VENTURA, FIGUEIREDO e CAPELAS, 2019; SCHERER, 2020). Assim, alguns níveis da consciência fonológica poderão ser adquiridos antes da alfabetização e outros só serão desenvolvidos a partir do contato da criança com a escrita alfabética (SCHERER, 2020).

Diferente dos níveis suprafonêmicos (palavra, silábico e intrassilábico), que parecem se desenvolver, até certo ponto, independentemente do contato com a escrita alfabética, o desenvolvimento da consciência fonêmica geralmente se dá vinculado à escrita, tornando os segmentos abstratos da fala mais concretos. É a partir deste nível que o aprendiz é capaz de realizar a relação entre fonemas e grafemas (escrita) e grafemas e fonemas (leitura). Por isso, a sua estimulação deve ser intensificada no período de alfabetização. Muitas vezes, a consciência fonêmica precisará ser inserida como atividade, pois apenas o contato com a escrita alfabética pode não ser

suficiente para o seu pleno desenvolvimento (BRASIL, 2019; VENTURA, FIGUEIREDO e CAPELAS, 2019; SCHERER, 2020).

Acredita-se que a criança do primeiro ano do Ensino Fundamental I esteja apta para adquirir o código escrito, pronta para fazer a transição de uma escrita baseada nos significados (realismo nominal) para uma escrita baseada nos sons. Em uma realidade ideal, os outros dois anos do ciclo de alfabetização seriam um período para aprimoramento do uso dessa ferramenta já adquirida. Segundo a meta 5 do Plano Nacional de Educação (art. 4º, II), a criança deve estar alfabetizada até o terceiro ano do Ensino Fundamental I. Por isso, o domínio da oralidade, incluindo as habilidades de consciência fonológica, é muito importante nesse momento. A criança pode e deve ser preparada para isso, inclusive durante a Educação Infantil (BRASIL, 2019).

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, surge com o objetivo de promover práticas de alfabetização baseadas em evidências, melhorando as condições para o ensino e a aprendizagem das habilidades de leitura e de escrita no Brasil. Baseada nos achados das ciências cognitivas, a PNA cita a consciência fonológica como uma habilidade essencial no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, ressaltando a importância da consciência fonêmica, pois ela facilitará a compreensão do princípio alfabético. Dessa forma, ela reitera a necessidade da consciência fonológica, especialmente a consciência fonêmica, fazer parte dos currículos e das práticas de alfabetização (BRASIL, 2019).

Diante disso, é importante que os professores alfabetizadores tenham acesso a conhecimento teórico e prático a respeito da consciência fonológica e estejam capacitados para intervir a favor do seu desenvolvimento. É necessário que eles compreendam a importância de tais habilidades para a aquisição da leitura e da escrita e utilizem os recursos adequados para trabalhá-las na etapa da alfabetização (SCHERER, 2020; OLIVEIRA e BLANCO, 2021).

Nesse sentido, capacitações docentes em consciência fonológica são fundamentais para que os professores possam estimular essa habilidade de forma eficaz junto ao processo de alfabetização. Entretanto, na literatura consultada, foi observada a escassez de pesquisas que investiguem o conhecimento dos professores alfabetizadores sobre esse tema e que proponham uma formação docente na área.

Assim sendo, o principal objetivo desse estudo foi identificar o que os docentes que atuam no processo de alfabetização sabem sobre consciência

fonológica antes e após a participação na Capacitação Docente em Consciência Fonológica, verificando a sua eficácia na ampliação desses conhecimentos.

Materiais e Método

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição, sob número de CAAE- 54785922.7.0000.5349. Esta pesquisa se caracteriza por ser de campo, estudo do tipo descritivo de cunho quantitativo analítico.

Participaram da pesquisa dezenove educadores de ambos os gêneros, na faixa etária entre 24 e 57 anos, dos cem professores que atuam no programa Conectando Saberes da Secretaria de Educação da cidade de Esteio/RS.

Foram incluídos neste estudo os professores que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que responderam ao questionário. Foram excluídos treze docentes que não participaram da Capacitação Docente em Consciência Fonológica e dezessete que não responderam novamente ao questionário após a formação, totalizando trinta docentes excluídos do estudo.

Os professores foram convidados a participar da pesquisa em uma reunião *online* de forma síncrona, através da plataforma “Google Meet”, promovida pela coordenação do programa Conectando Saberes. Aqueles que concordaram em participar, responderam ao questionário na primeira fase do estudo para verificar o conhecimento dos docentes do programa, que atuam com alfabetização, sobre consciência fonológica. Em seguida, os educadores receberam informações sobre a Capacitação Docente em Consciência Fonológica (CDCF) e foram convidados a participar do encontro, que caracterizou a segunda fase do estudo.

A capacitação ocorreu *online* de forma síncrona através da plataforma “Google Meet” com carga horária total de 90 minutos. O *link* para participação foi criado e divulgado para os professores pela coordenação do programa Conectando Saberes. Foram abordados os seguintes conteúdos sobre consciência fonológica: conceito de consciência fonológica, habilidades da consciência fonológica, relação entre a alfabetização e a consciência fonológica e estratégias práticas para estimulação da consciência fonológica em sala de aula. Ao final do encontro, os participantes assinaram a lista de presença através do preenchimento de formulário da plataforma “Google Formulários”.

Um mês após a participação na Capacitação Docente em Consciência Fonológica, o *link* de acesso ao formulário foi reenviado através de e-

mail aos educadores que responderam ao primeiro questionário e participaram da capacitação. Foi utilizado o mesmo instrumento de coleta de dados nas duas fases do estudo.

Os dados coletados por meio do questionário foram analisados através do cálculo dos percentuais obtidos nas respostas abertas e fechadas, buscando quantificar o conhecimento dos professores sobre consciência fonológica. A análise dos dados foi feita através de estatística descritiva disponibilizada pela própria plataforma “Google Formulários”. Para esta análise foi utilizado o programa Excel for Windows e os resultados apresentados em tabelas. Na etapa final da pesquisa, foi realizado um fechamento da análise dos dados coletados no questionário, realizando a análise comparativa do desempenho antes e após a Capacitação Docente em Consciência Fonológica, chegando às considerações finais do trabalho.

Resultados e Discussão

Dos 19 participantes, 16 (84,2%) possuem formação profissional em pedagogia. Há variação de tempo de trabalho no campo da alfabetização de três meses a 21 anos. Desses profissionais, 11 (57,9%) atuam no processo de alfabetização há um ano ou menos e cinco (26,3%) entre dois e cinco anos. Apenas um (5,3%) atua entre seis e 10 anos e dois (10,5%) há mais de 10 anos. Além disso, 11 (57,8%) sujeitos atuam diretamente com alunos do ciclo de alfabetização.

Na figura 1, são apresentados os resultados do questionário pré e pós-Capacitação Docente em Consciência Fonológica (CDCF) comparando o conhecimento dos docentes sobre o conceito de consciência fonológica (CF) antes e após a formação de acordo com suas respostas ao serem questionados se sabiam o que é CF.

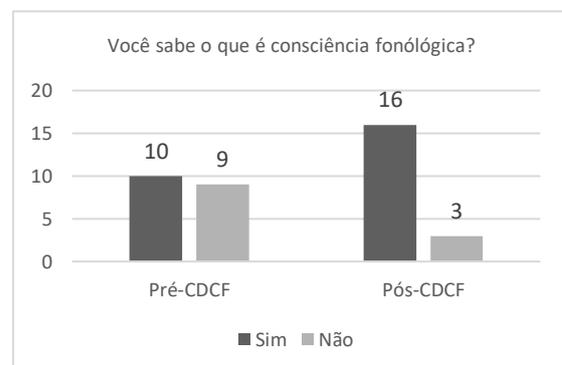


Figura 1. Conhecimento dos docentes sobre consciência fonológica

No questionário pré-CDCF, quando solicitado que conceituassem consciência fonológica, seis (31,5%) docentes deixaram a resposta em branco; 10 (52,6%) falaram sobre consciência e percepção dos

sons; um (5,3%) fez relação com a linguagem escrita; um (5,3%) afirmou não saber responder; e um (5,3%) acredita ter relação com alterações de fala. Após a participação na formação, apenas dois (10,5%) docentes deixaram a resposta em branco; 14 (73,7%) falaram sobre consciência e percepção dos sons; dois (10,5%) fizeram relação com a linguagem escrita; e um (5,3%) afirmou não saber responder.

Conforme descrição dos resultados, pouco mais da metade (52,7%) dos docentes afirmou ter conhecimento sobre consciência fonológica antes da CDCF, valor que subiu para 84,2% após a formação. Tais dados vão ao encontro da literatura disponível, mostrando que os professores formados em pedagogia, muitas vezes, não têm acesso ao conteúdo sobre consciência fonológica de forma detalhada ao longo de sua formação acadêmica e, por isso, não possuem conhecimento aprofundado sobre essa habilidade (OLIVEIRA; BLANCO, 2021). Na pesquisa de Scherer, Wolff e Gonçalves (2020) apenas 17,6% dos professores participantes afirmaram que o conteúdo de consciência fonológica foi abordado de forma aprofundada durante sua formação acadêmica.

Com relação ao conceito de consciência fonológica, houve um aumento de 26,3% de respostas adequadas entre o primeiro e segundo questionário, onde os sujeitos citaram a consciência dos sons da fala ou relacionaram CF com a escrita. Porém, a maioria das respostas foi superficial, demonstrando uma falta de aprofundamento teórico sobre o assunto. Tal achado vai ao encontro do que Wermeier e Facchini (2016) identificaram em seu estudo, onde respostas incompletas indicaram uma pobre compreensão sobre o tema.

Sobre a estimulação da consciência de rima, antes da capacitação, seis (31,5%) professores afirmaram não desenvolver atividades de rima com seus alunos e 13 (68,5%) relataram que realizam esse trabalho e deram como exemplos de atividades o uso de músicas, textos, poemas e jogos. Após à capacitação, cinco (26,3%) professores afirmaram não desenvolver atividades de rimas com seus alunos e 14 (73,6%) relataram que realizam esse trabalho, dando os mesmos exemplos de atividades citadas no primeiro questionário. Esse aumento de 5,1% no número de docentes que afirmaram desenvolver atividade de rima com seus alunos no questionário pós-CDCF pode se justificar por um possível desconhecimento do conceito de rima por parte dos participantes antes da capacitação.

Quando questionados sobre o que é consciência de aliteração, antes da participação na CDCF, 15 (78,9%) docentes responderam que se trata da capacidade para reconhecer que palavras podem

iniciar com os mesmos sons; três (15,8%) acreditam ser a capacidade para reconhecer que palavras podem terminar com os mesmos sons; e uma (5,3%) a capacidade de dividir as palavras em sílabas. Com relação a estimulação dessa habilidade, sete (36,8%) professores afirmaram não realizar atividades de aliteração com seus alunos. Doze (63,2%) educadores realizam atividades de aliteração, citando como principais exemplos jogos, poemas, trava-língua e atividades com palavras que iniciam com o mesmo som. Um professor citou atividades de rima.

Após a CDCF, nove (47,4%) docentes responderam que consciência de aliteração se trata da capacidade para reconhecer que palavras podem iniciar com os mesmos sons; sete (36,8%) acreditam ser a capacidade para reconhecer que palavras podem terminar com os mesmos sons; e três (15,8%) a capacidade de dividir as palavras em sílabas. Com relação a estimulação dessa habilidade, quatro (21%) professores afirmaram não realizar atividades de aliteração com seus alunos. Quinze (78,9%) educadores realizam atividades de aliteração, citando como principais exemplos o uso de figuras que começam com a mesma letra, identificação de fonema ou sílaba, jogos, cruzadinhas, músicas e caça-palavras. Dois professores citaram atividades de rima e segmentação silábica.

Os resultados apresentados demonstraram uma piora no conhecimento dos professores sobre o conceito de aliteração, com uma redução de 31,5% de respostas corretas no segundo questionário. Além disso, ao serem questionados sobre atividades práticas para estimulação dessa habilidade, deram respostas superficiais e, em alguns momentos, sem associação com a consciência de aliteração. Assim como na pesquisa de Wermeier e Facchini (2016), percebe-se que a falta de embasamento teórico sobre o assunto pode estar refletindo diretamente na prática pedagógica.

Sobre consciência fonêmica, quinze (78,9%) docentes acreditam que a consciência fonêmica desenvolve-se ao longo da infância, espontaneamente, a partir do contato com a linguagem oral; três (15,8%) que a consciência fonêmica não emerge naturalmente, sendo necessário um ensino explícito e sistemático para o seu desenvolvimento; e apenas um (5,3%) indivíduo assinalou a alternativa afirmando que a consciência fonêmica não é uma habilidade necessária para o desenvolvimento da capacidade de realizar a relação entre fonemas e grafemas.

No segundo questionário, doze (63,2%) docentes acreditam que a consciência fonêmica se desenvolve ao longo da infância,

espontaneamente, a partir do contato com a linguagem oral; cinco (26,3%) que a consciência fonêmica não emerge naturalmente, sendo necessário um ensino explícito e sistemático para o seu desenvolvimento; e dois (10,5%) indivíduos que a consciência fonêmica não é uma habilidade necessária para o desenvolvimento da capacidade de realizar a relação entre fonemas e grafemas.

Dessa forma, observou-se que, mesmo após a capacitação, a maioria dos participantes (63,2%) acredita que essa habilidade emerge de forma espontânea, não precisando de um ensino explícito e sistemático. Além disso, após a CDCF, subiu para dois o número de docentes que não acredita na importância dessa habilidade para o entendimento da relação entre fonemas e grafemas. Tais resultados indicam a necessidade de um trabalho contínuo sobre consciência fonológica junto a esses professores.

A Tabela 1 apresenta os resultados do questionário pré e pós-CDCF mostrando o conhecimento dos professores sobre a relação entre consciência fonológica e alfabetização.

Tabela 1 – Comparação do conhecimento dos docentes sobre a relação entre CF e alfabetização pré e pós-participação na CDCF

| | Pré-CDCF | | Pós-CDCF | |
|---|----------|------|----------|------|
| | f | % | f | % |
| Você considera a consciência fonológica uma habilidade preditora para a alfabetização? (Sim) | 18 | 94,7 | 19 | 100 |
| Sobre a relação entre a consciência fonológica e a alfabetização, assinale a alternativa que você considera mais adequada. | | | | |
| A aquisição da escrita independe das habilidades de consciência fonológica. | 1 | 5,3 | 1 | 5,3 |
| A consciência fonológica auxilia na alfabetização, da mesma forma que a aquisição da escrita favorece o desenvolvimento e aprimoramento dos níveis de consciência fonológica. | 16 | 84,2 | 16 | 84,2 |
| A consciência fonológica é uma habilidade metalinguística adquirida pela criança apenas após o contato com a escrita alfabética. | 2 | 10,5 | 2 | 10,5 |
| Qual habilidade da consciência fonológica é considerada a de maior influência no processo de alfabetização? | | | | |
| Consciência de palavra. | 3 | 15,7 | 1 | 5,3 |
| Consciência silábica. | 4 | 21,1 | 6 | 31,6 |
| Consciência fonêmica. | 12 | 63,2 | 12 | 63,2 |

Com relação à consciência fonológica e a alfabetização, não houve mudança significativa nos resultados antes e após a capacitação docente. Os 19 professores participantes afirmaram que consideram a consciência fonológica uma habilidade preditora para a alfabetização e 84,2% acreditam na relação de reciprocidade entre a CF e a escrita. Porém, quando questionados sobre a sub-habilidade da CF de maior influência no processo de alfabetização, apenas 63,2% afirmaram se tratar da consciência fonêmica e 31,6% responderam consciência silábica. Isso mostra que, apesar de reconhecerem a importância da consciência fonológica para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, não há um aprofundamento conceitual e total compreensão sobre o assunto.

Quando solicitado que referissem exemplos de atividades que podem ser realizadas com o intuito de estimular consciência fonológica, foram citadas atividades de leitura e escrita, de rima, aliteração, consciência de palavra, consciência silábica e consciência fonêmica em ambos os momentos (pré e pós-CDCF). Os principais recursos citados pré-CDCF foram músicas, livros/textos, jogos, brincadeiras, espelho e fantoche. Após a formação, foram acrescentados o uso do método das boquinhos e ditados.

Assim como nas atividades de rima e aliteração, quando solicitado que referissem exemplos de atividades que podem ser realizadas com o intuito de estimular consciência fonológica, os professores deram respostas diretas e superficiais. Não houve um aprofundamento das suas práticas pedagógicas, deixando margem para o seguinte questionamento: “será que a atividade citada foi conduzida de forma a atingir o objetivo de estimulação da consciência fonológica?”.

Diferente de propostas de formação com uma carga horária maior (OLIVEIRA e BLANCO, 2021), uma capacitação de curta duração, como a realizada nessa pesquisa, mostrou-se insuficiente para a promoção de mudanças efetivas no conhecimento e na prática pedagógica dos alfabetizadores. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de um trabalho contínuo com esses profissionais que aborde tanto o conhecimento teórico quanto a prática em sala de aula.

Sabendo-se que faz parte da atuação do fonoaudiólogo educacional o trabalho com a consciência fonológica e outras habilidades preditoras para o processo de alfabetização, ressalta-se a importância de uma parceria entre esse profissional e os educadores. A partir de conhecimentos aprofundados sobre as habilidades cognitivas e linguísticas envolvidas na aprendizagem, a fonoaudiologia poderá

complementar, suplementar e construir junto a equipe pedagógica estratégias que potencializem a aprendizagem dos alunos, tornando-os protagonistas desse processo (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2010).

Scherer, Wolff e Gonçalves (2020) destacaram a importância da troca de conhecimentos entre docentes e fonoaudiólogos, porém, também identificaram a escassez desses profissionais no ambiente escolar. Segundo o Conselho Federal de Fonoaudiologia, há 122 profissionais especialistas em fonoaudiologia educacional, sendo apenas oito atuantes no estado do Rio Grande do Sul. Melo, Teixeira e Queiroga (2021), concluíram que os professores apresentam um conhecimento restrito sobre a atuação do fonoaudiólogo no âmbito escolar, entretanto, a consideram benéfica para o desenvolvimento de seus alunos.

Essa área de especialização da fonoaudiologia foi reconhecida no Brasil em 2010 e pode atuar na promoção da educação em todos os níveis e modalidades de ensino. O fonoaudiólogo educacional, como citado anteriormente, tem um papel importante dentro das habilidades preditoras para a alfabetização e poderá orientar e instrumentalizar os educadores para o trabalho da consciência fonológica em sala de aula (ZORZI, 2017). Dessa forma, o fonoaudiólogo irá buscar a promoção e prevenção e poderá facilitar o diagnóstico e intervenção precoces nas dificuldades de aprendizagem de forma integrada ao planejamento educacional (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2010).

Com base no exposto, fica evidente a importância da consciência fonológica para o processo de alfabetização e a necessidade desse tema fazer parte da formação acadêmica e continuada do professor alfabetizador. Os educadores devem saber que antes de identificar letras, os alunos já são capazes de refletir e manipular os sons fala e que estimular essa habilidade irá auxiliar na aprendizagem da leitura e da escrita (BUBLITZ, 2014). O fonoaudiólogo educacional, com seu conhecimento no desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem, poderá contribuir na elaboração e realização de programas de formação de professores voltados à alfabetização.

Conclusão

Os resultados obtidos neste estudo sugerem pouca ampliação do conhecimento geral dos professores sobre consciência fonológica após a Capacitação Docente em Consciência Fonológica. Mesmo após a formação, os educadores apresentaram dificuldades para responder perguntas específicas

sobre o tema, principalmente quando relacionadas à prática em sala de aula.

São necessárias intervenções de carga horária maior para que se possa obter modificações significativas no conhecimento e prática pedagógica dos alfabetizadores. Nesse sentido, ressalta-se a importância da atuação do fonoaudiólogo educacional para a realização de um trabalho contínuo junto aos docentes.

Referências

BRASIL. MEC. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, p. 1-54, 2019.

BUBLITZ, Grasiela K. Brincar com a linguagem: prática fundamental na educação infantil. In: FORNECK, Kári L.; SPOHR, Marlene I.B. (Orgs.). **Linguagens: múltiplos olhares, múltiplos sentidos**. Lajeado: Univates, 2014. p. 33-39. E-book. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/89/pdf_89.pdf. Acesso em 30 maio 2022.

CAPOVILLA, A. G. S.; GÜTSCHOW, C.R.D.; CAPOVILLA, F.C. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 13-26, dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872004000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Resolução nº 387, de 18 de setembro de 2010. **Dispõe Sobre As Atribuições e Competências do Profissional Especialista em Fonoaudiologia Educacional Reconhecido Pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, alterar A Redação do Artigo 1º da Resolução CFFa Nº 382/2010, e dá Outras Providências**. Brasília, 14 out. 2010. Disponível em: https://www.fonoaudiologia.org.br/resolucoes/resolucoes_html/CFFa_N_387_10.htm. Acesso em 13 jun. 2022.

FREITAS, P. M.; CARDOSO, T. S. G.; SIQUARA, G. M. Desenvolvimento da consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade: avaliação de habilidades de rima. **Psicopedagogia**, Pinheiros, v. 29, n. 88, p. 38-45, 2012.

JUSTINO, M. I. S. V.; BARRERA, S. D. Efeitos de uma intervenção na abordagem fônica em alunos com dificuldades de alfabetização. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 28, n. 4, p. 399-407, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722012000400009>. Acesso em 13 jun. 2022.

KONRAD, J. T.; LORANDI, A. Relação entre consciência fonológica e compreensão leitora em crianças: revisão sistemática de pesquisas brasileiras. **Letras de Hoje**, [S.L.], v. 54, n. 2, p. 274, 6 nov. 2019. EDIPUCRS.

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2019.2.32525>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/32525>. Acesso em: 13 jun. 2022.

LOPES, C. C. C. L.; SILVA, G. O. L. Construção de material didático integrado ao currículo da alfabetização para estimulação da consciência fonológica. **Laplage em Revista**, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 83-94, 24 jul. 2020. Laplage em Revista. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24115/s2446-6220202063925p.83-94>. Acesso em 13 jun. 2022.

MELO, J. K. O.; TEIXEIRA, C. F.; QUEIROGA, B. A. M. Teachers' knowledge on Educational Speech-Language-Hearing Pathology and the relevance of communication to learning. **Revista Cefac**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1-10, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216/20212316720>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/Q6LPXKjQJ3Qqx5mSFrjfwj/?lang=en>. Acesso em 15 jun. 2022.

OLIVEIRA, A. A.; BLANCO, M. B. A importância de um curso de capacitação em consciência fonológica para a formação de professores e estudantes da área de educação. **Revista Eixo**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 4-12, jan. 2021. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/717/548>. Acesso em 26 out. 2021.

PESTUN, M. S. V. **Consciência fonológica no início da escolarização e o desempenho ulterior em leitura e escrita: estudo correlacional: estudo correlacional**. Estudos de Psicologia (natal), [s.l.], v. 10, n. 3, p. 407-412, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300009>. Acesso em 25 out. 2021.

SCHERER, A. P. R. O tripé da alfabetização: consciência fonológica, princípio alfabético e letramento. **Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, [S.L.], n., p. 33-43, 2020. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21747/1646-6195/ling2020>. Acesso em 13 jun. 2022.

SCHERER, A. P. R.; WOLFF, C. L.; GONÇALVES, S. N. Programa Aletra RS: registro de uma experiência na formação de professores. In: SCHERER, Ana Paula Rigatti; WOLFF, Clarice Lehen. **Consciência Linguística na Escola: experiência e vivências na sala de aula e na formação de professores**. Curitiba: Appris, 2020. Cap. 1. p. 1-275.

VENTURA, R.; FIGUEIREDO, S.; CAPELAS, S. Eficácia de um programa de consciência fonológica no pré-escolar. **Psique**, Lisboa, v. 15, n.1, p. 98-109, jan. 2019.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/4268>. Acesso em 13 jun. 2022.

WERMEIER, C. A.; FACCHINI, L. Consciência fonológica e atividades metalinguísticas: a produção de conhecimento na alfabetização. **Revista Acadêmica Licencia&Acturas**, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 88, 24 mar. 2016. Instituto Superior de Educação Ivoti. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v4i2.127>. Acesso em 13 jun. 2022.

ZORZI, J. Programas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas envolvidas na alfabetização e no aprendizado da ortografia: propostas metodológicas. **Revista Psicopedagogia**, [s. /], v. 35, n. 108, p. 340-347, 2018.